

ANÁLISE DO TURISMO CULTURAL DE MUSEUS NO CORREDOR DO DOURO *

Luis César Prieto **; Jorge José Figueira ***; Paula Odete Fernandes ****

RESUMO

Como consideração genérica podemos dizer que o conhecimento profundo do território, a sua estrutura urbana e demográfica, a distribuição das actividades económicas e a determinação de potenciais de desenvolvimento mais importantes constitui todo um passo prévio para qualquer análise específica que se queira desafiar neste espaço, como é o caso desta investigação, ou seja, a *identificação e valoração dos recursos do património histórico no Corredor do Douro*, estudando-se o segmento mais específico do mercado cultural, como é o turismo de museus. Algumas das razões, que nos levaram à eleição deste campo de estudo, são meramente operativas e de quantificação, já que, pela sua própria natureza, o turismo cultural abarca um conjunto de actividades e comportamentos que poucas vezes se podem identificar e valorar nitidamente, enquanto que no caso dos museus, pelo menos uma grande parte efectua um controlo do número de visitantes, o qual nos pode proporcionar uma estimação da procura do turismo cultural neste âmbito.

Assim, procedeu-se: ao estudo da distribuição territorial da oferta museística da demarcação do Douro e à análise estrutural por tipologias, em função das instituições titulares e de gestão dos museus e a temática das colecções; à análise dinâmica da oferta e da procura dos museus através dos seus visitantes e, finalmente, efectuou-se uma avaliação das funções expositoras dos museus, como forma de estimação, tanto do seu potencial de atractivo turístico, como da eficácia dos seus resultados enquanto produtos culturais que são.

Palavras Chave: Economia da Cultura; Turismo Cultural; Património Cultural; Mercado Cultural.

* Este trabalho resulta de um Projecto de Investigação Geral financiado pela Fundação Rei Afonso Henriques.

** Professor Catedrático do Dep^{to} de Economia Aplicada da Escuela Universitaria de Estudios Empresariales/Universidad de Valladolid – (herrero@fita.emp.uva.es).

*** Prof.º Adjunto do Dep^{to} de Economia e Gestão da Escola Superior de Tecnologia e de Gestão/Instituto Politécnico de Bragança – (figueira@ipb.pt).

**** Prof.ª Adjunta do Dep^{to} de Economia e Gestão da Escola Superior de Tecnologia e de Gestão/Instituto Politécnico de Bragança – (pof@ipb.pt).

1. INTRODUÇÃO

O património cultural constitui um resultado da especificidade e identificação de um povo, de uma região, de um país; sendo também um produto de mercado, que se oferece e que se procura numa sociedade contemporânea que valoriza cada vez mais o consumo cultural como um emprego de ócio (lazer) e como uma forma de realização pessoal. Esta *mercantilização da cultura* não esgota a essência simbólica ou de criatividade dos produtos culturais pelo feito de que se transformem em objectos mercantis senão que, em muitas ocasiões serve precisamente de incentivo para a recuperação, colocada em valor e resgate de muitos dos elementos integrantes do património histórico.

Este efeito, em última instância, coloca em evidência a dupla dimensão que desempenha o património cultural na actualidade, como registo da memória colectiva e identificação de uma sociedade, por um lado; e como fonte de riqueza e geradora de actividades económicas, por outro. O exemplo mais expressivo deste fenómeno talvez seja, precisamente, a modalidade do turismo cultural, uma vez que, com esta forma de fazer turismo, a *cultura*, como manifestação da identidade, do saber e da história dos povos, se converte numa mercadoria, ou seja, num bem que pode ser procurado e consumido. Desta forma, o turismo cultural pode constituir, primeiro, um factor de riqueza e, portanto, de desenvolvimento económico; e, segundo, um incentivo à recuperação e recompilação de elementos do património cultural que desta maneira são cada vez mais apreciados.

Sobre a base de todas estas premissas se justifica o conteúdo deste artigo, que consiste no **estudo de um segmento específico do mercado cultural do Corredor do Douro, como é o turismo dos museus**. No entanto, por detrás desta afirmação genérica das intenções da investigação, escondem-se as utilidades, não menos importantes, como é a própria realização de um inventário de museus da área em estudo, questão bastante árdua se tivermos em conta a imprecisão e dispersão das fontes de informação existentes nesta matéria. Assim, devido à ausência de dados quantificáveis, procedeu-se à elaboração de um inquérito específico enviado aos museus da região em estudo, para se poder estimar, convenientemente, tanto a evolução da oferta cultural relacionada, como a procura de visitantes e rentabilidade das funções expositivas. Houve ainda a necessidade de se fazer alguns ajustamentos relativos às demarcações geográficas. Desta forma e em primeiro lugar a área do Corredor do Douro considerada, corresponde

aos municípios e concelhos definidos pelo Projecto Terra da União Europeia e que afectam a totalidade da Região Norte de Portugal e uma grande parte da Comunidade Autónoma de Castilla y León, tal como se apresenta na Fig. A1, em anexo. Em segundo lugar e como consequência lógica da estrutura política e descentralização territorial, dos países em questão, deparamo-nos com níveis distintos de desagregação geográfica que dificultavam a realização de estudos comparativos. Deste modo, optou-se por considerar as divisões mais homogéneas possíveis e que são, por um lado, as demarcações NUT's III e Províncias (Quadro 1 e Fig. A2-Anexo), como nível espacial intermédio; e, por outro, os concelhos e municípios como demarcação geográfica mínima para a análise.

Quadro 1.- Identidade entre Unidades Estatísticas.

NUT's II	NUT's III	Região	Províncias
Região Norte de Portugal	Alto Tras-os-Montes Duero Minho-Lima Cávado Ave Tâmega Grande Porto Entre Douro e Vouga* Beira Interior Norte*	Castilla y León	Ávila ** Burgos* León ** Palencia* Salamanca Segovia* Soria Valladolid Zamora

* Só considerados parcialmente.

** Não considerados no Espaço Terra.

2. ECONOMIA, ÓCIO E CULTURA: UMA RELAÇÃO DE VALOR

Acostumados a dividir o tempo humano em horas de trabalho e tempo livre, caiu-se no engano de entender o ócio como algo para além do trabalho, enquanto que na actualidade, está a ser progressivamente aceite e legitimado em si mesmo e não só em função das horas de ocupação. A este respeito, a denominada “Civilização do Ócio” do mundo actual tem o seu fundamento, não porque se pensa que os cidadãos estão a viver numa sociedade afluyente, sem necessidade de trabalhar e em perpétuo descanso, senão porque o ócio passou a ocupar um lugar central na hierarquia de valores da sociedade contemporânea. Observe-se, neste sentido, como o ócio, considerado uma característica dos segmentos extremos da população (infantil e idosa), passou a ser uma condição necessária da idade adulta, que modificou os valores de produção e aplicação específica da sociedade industrial do século XIX, pela ética absolutamente hedonista da era contemporânea.

É neste contexto que se explicam múltiplos empregos do tempo de ócio da sociedade actual e, entre eles, devemos reconhecer que a extensão generalizada do

turismo constitui um dos exemplos mais significativos e particularmente o turismo cultural, que tem vindo a configurar-se como um dos componentes mais importantes deste sector. Em consequência, segundo estudos prognosticados pela União Europeia, as visitas relacionadas com o turismo cultural cresceram na Europa em 100% entre 1970 e 1991; e a Organização Mundial do Turismo (OMT) estima que as viagens culturais representam 37% de todo o movimento turístico mundial (GREG; 1996).

Este recente auge do turismo cultural tem a ver, também, com o novo comportamento dos cidadãos em relação à cultura, pois, esta foi considerada com frequência como o reino do supérfluo, do gratuito, do que não é indispensável ou incluso do que era praticamente inútil; actualmente passou a ser um dos consumos mais usuais, uma exigência para muitos cidadãos e um dos sectores económicos mais prometedores. Este último argumento fundamenta-se em que, o consumo cultural, como qualquer outro uso do *ócio*, tem uma transcendência económica, enquanto que as decisões sobre o desfrute do tempo livre respondem a preferências individuais e, portanto, os seus empregos constituem um bem comercializável e entram na órbita do cálculo económico. Em suma, o tempo livre privatizou-se e os seus usos em forma de mercadoria participam no sistema de fluxos económicos de uma sociedade.

Neste âmbito, há que entender o termo *mercantilização da cultura*, considerado para muitos como um conceito ofensivo, como se a economia e o mercado fossem capazes por si sós de eliminar a essência da inteligência ou beleza do processo de criação cultural, constituindo também, na realidade, um fenómeno notoriamente patente nas tendências de consumo cultural de hoje em dia e que serve com frequência de incentivo para o resgate de numerosos elementos do património histórico cultural, quando não de impulso à criação de novas ofertas culturais.

3. ANÁLISE DA BASE DE DADOS E SUA DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL: INVENTÁRIO E INQUÉRITO SOBRE OS MUSEUS DO CORREDOR DO DOURO

A primeira tarefa da investigação consistiu na elaboração de um Censo dos Museus do Corredor do Douro e, posteriormente, na elaboração de um inquérito, tendo como principal objectivo a identificação da oferta e procura museística da área de estudo. Para tal houve necessidade de recorrer às seguintes fontes de informação: Mapa de Infra-estruturas, Operadores e Recursos Culturais (MIOR) do Ministério de Educação e Cultura de Espanha e a base de dados do Instituto Português de Museus (IPM) do Ministério da Cultura de Portugal, além de distintos guias turísticos de

Castilla y León e da Região Norte de Portugal; pretendendo-se recolher todo o aglomerado de museus do Corredor do Douro e, ao mesmo tempo, manter a máxima rigorosidade possível atendendo ao conceito de Museu aceite mundialmente segundo o artigo 2º dos Estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM): “*O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e apresenta para fins de estudo, de educação e de deleite, testemunhos materiais do homem e da envolvente.*”

À luz da experiência, resulta óbvio que nem todos os museus existentes no Corredor do Douro cumprem os requisitos desta definição, sobretudo nos aspectos de investigação e conservação adoptando-se um conceito mais flexível e admitindo-se como entidades museísticas *todas aquelas instalações que contenham uma colecção permanente de elementos materiais móveis, com um propósito de exibição pública e que disponham de meios suficientes para ele.* Este critério próprio de selecção implicou-nos, a recompilação de bastantes colecções, geralmente no âmbito municipal e eclesiástico, de interesse irregular, sem um regime de visitas estável e, muito menos, com um sistema de controlo de visitantes, tendo-nos criado problemas na estimação da procura de museus.

Assim mesmo, produziram-se também uma série de ajustamentos na base de dados final, como a filtragem e correcção de erros e os registos daqueles museus que se declaravam fechados ou em vias de abertura; assim como outras discrepâncias como conceito de instalação museística que consideramos e, portanto, que se procedeu à eliminação dos Parques Naturais, centro de Interpretação da Natureza, jazigos arqueológicos e outros monumentos histórico-artísticos isolados, cujo interesse não radica na posse de uma colecção móvel verdadeiramente representativa.

A base de dados, da investigação, integra um total de 115 museus, aos quais se realizou um inquérito individual sobre as seguintes questões: ano de criação, data de qualquer remodelação que tenha contribuído para um aumento da oferta museística, número de visitantes (com entrada gratuita ou pagamento de entrada) e preços de entrada, no caso de pagamento. O período temporal considerado foi o compreendido entre os anos de 1970 e 1997, período que se considera suficientemente amplo como para detectar as tendências, fortes, da oferta e da procura de museus, no espaço objecto da investigação. Os museus anteriores a 1970 apareceram, portanto, como dados

acumulados nessa data e os criados ou reinaugurados durante 1998 e 1999 não se consideraram.

O inquérito realizou-se entre Maio de 1998 e Julho de 1999, tendo-se recebido 73% dos inquéritos enviados. Assim, a base de dados que serve de apoio para estimar a evolução da oferta de museus do Corredor do Douro, está formada por 84 museus, 63 dos quais são castelhano-leoneses, 21 pertencem à Região Norte de Portugal e 34 situam-se nos municípios ribeirinhos do Douro, tal como se pode observar no Quadro 2.

Quadro 2.- Base de Dados, Inquérito e Oferta de Museus.

ÁREA	BDADOS	MUSEUS	MUS/BD	CONDAD	CDAD/MUS	CDAD/BD
TerraCL	83	63	75,9%	46	73,0%	55,4%
TerraPT	32	21	65,6%	18	85,7%	56,3%
TERRATOT	115	84	73,0%	64	76,2%	55,7%
RibDouro	41	34	82,9%	27	79,4%	65,9%

Fonte: Elaboração Própria

Em qualquer caso e à luz do inventário, finalmente considerado, estima-se que constitui uma boa base de partida para a análise do objecto da investigação, pois, entre as respostas confirmadas, encontram-se todos os museus de propriedade estatal e regional, quase todos os museus eclesiásticos de interesse e a maior parte dos museus administrados pelas autarquias locais e os privados¹. Assim mesmo, cabe dizer que, do grupo que não enviaram resposta suspeita-se que alguns estão em processo de constituição; mas a maior parte dos mesmos são, essencialmente, colecções etnográficas de propriedade municipal e pequenos museus paroquiais, de forma que se suspeita também que se trata de instalações precárias, de reduzida entidade e gestão irregular; pelo que provavelmente a seu juízo, não consideraram que cumprem os requisitos que crêem razoáveis para se enquadrarem no conceito de museu e como tal não enviaram resposta.

De todos os museus considerados operacionais, nem todos dispõem, nos anos que têm estado em funcionamento, de um sistema de controlo de visitantes. Na realidade, neste aspecto verifica-se a escassa atenção que se prestou à avaliação do rendimento da função expositiva dos museus através da frequência dos visitantes; senão que, pelo contrário, só nos últimos anos é que se pode constatar uma tendência à implantação generalizada de um sistema de contagem mais ou menos fiável. Na data de fecho da presente investigação (1997) o número de museus com controlo fiável ascendia a 76,2% dos existentes, isto é, um número de 64, que são os que se utilizaram

¹ Há que mencionar a precisão de que, tendo em conta a organização político-institucional de cada país, na Região Norte não existem museus de propriedade regional, enquanto em Castilla y León, os museus provinciais são da propriedade do estado, se bem que a gestão pertence à Junta de Castilla y León.

para a análise da procura. Em consequência, ainda quando neste grupo se encontram os principais museus da demarcação do Espaço Terra, a análise da procura deverá interpretar-se como algum cuidado, sobretudo nos aspectos evolutivos no período temporal considerado.

No que se refere à distribuição territorial da oferta de museus (Quadro 3) e tendo em conta o tamanho das áreas em estudo, a maior parte dos museus estão no espaço Terra de Castilla y León, enquanto que apenas aproximadamente ¼ pertencem à Região Norte de Portugal. Logicamente, o número de museus por cem mil habitantes no primeiro espaço é muito maior (6,3), embora este valor esteja ligeiramente enviesado pela densidade de população relativa de cada espaço, muito mais povoada a parte portuguesa que a espanhola.

Quadro 3.- Distribuição da Oferta de Museus.

ÁREA	BDADOS	MUSEUS	CONDAD	POPULAÇÃO	BD/HAB	MUS/HAB
TerraCL	72,2%	75,0%	71,9%	1.313.444	6,3	4,8
TerraPT	27,8%	25,0%	28,1%	3.559.220	0,9	0,6
TERRATOT	100,0%	100,0%	100,0%	4.872.664	2,4	1,7
RibDouro	35,7%	40,5%	42,2%	2.284.361	1,8	1,5

Fonte: Elaboração Própria.

Contudo, o que deve ressaltar é a importância dos municípios ribeirinhos do Douro na oferta museística global, já que agrupam 36% da totalidade dos museus e 40,5% dos que notificaram a sua resposta, no inquérito realizado. De sublinhar que estes se concentram, fundamentalmente, em algumas zonas específicas, como a ribeira Soriana, a comarca de Aranda del Duero, en Burgos, os municípios de Valladolid, Tordesillas, Toro e Zamora e, finalmente, a cidade do Porto junto com a sua zona de influência. Outras áreas de concentração de museus, não estritamente ribeirinhas do rio Douro, mas no âmbito do espaço Terra, são Palencia e a comarca de Tierra de Campos, a zona de Braga e Guimarães e as cidades de Bragança e Salamanca, sobretudo esta última uma vez que constitui o maior ponto de concentração da área de investigação – Terra, com 14 museus na base de dados e 12 operacionais para a investigação.

No que se refere à afluência de visitantes aos museus (Quadro 4), existe uma distribuição, ligeiramente, mais compensada que na distribuição da oferta, pois a diferença é de 30% para a região Norte e 70% para a parte castelhana-leonesa. Pois, os museus ribeirinhos do Douro fazem notar a sua importância na comparação com o resto das colecções, chegando a representar quase 50% da procura total de visitantes. De novo, estes concentram-se, fundamentalmente, nos museus das zonas extremas do

Douro (a província de Soria e na área metropolitana do Porto), assim como na área central do Corredor, que integra os museus de Valladolid, Tordesillas, Toro e Zamora.

Resulta interessante, observar o número médio de visitantes por museu, porque pode proporcionar-nos uma estimação do atractivo turístico da cada território geográfico através dos seus museus. Desta forma, temos que a média de visitantes na área de estudo é aproximadamente de 20.000 pessoas por museu, o qual é superada pela procura média em Portugal, mas sobretudo pelos museus ribeirinhos do Douro que, registam uma afluência de 22.700 pessoas por museu. Assim, novamente, se demonstra não só a relevância destes museus bem como se constata que, alguns deles estão instalados em zonas rurais ou em concelhos/comarcas² que têm uma procura média, às vezes superior a de determinados centros urbanos, o qual coloca de manifesto a importância destas ofertas culturais para a atracção do fluxo turístico a estas zonas, seja qual for o seu problema urbano.

Quadro 4.- Procura de Museus.

ÁREA	CONDAD	VISITANTES	% VISIT/TOT	VISIT/MUS	VISIT/HAB
TerraCL	46	905.393	70,1%	19.682	689
TerraPT	18	386.929	29,9%	21.496	109
TERRATOT	64	1.292.322	100,0%	20.193	265
RibDouro	27	612.883	47,4%	22.699	268

Fonte: Elaboração Própria.

4. ESTRUTURA TIPOLOGICA DOS MUSEUS DO CORREDOR DO DOURO

Neste capítulo vamos proceder à análise estrutural dos Museus do Corredor do Douro, atendendo ao volume da oferta e procura registadas no último ano do período temporal considerado na investigação, 1997. De ressaltar que os dados referentes à procura se referem a um número de museus inferior aos registados para a oferta (64 e 84, respectivamente), uma vez que para a procura apenas se tiveram em consideração os que tinham um sistema de controlo de visitantes. Os critérios de classificação que se vão analisar serão os seguintes:

- a) **Tipo de Propriedade:** de acordo com a pessoa física ou jurídica que figura como titular patrimonial do museu, mesmo que, por vezes, não coincida com o organismo que o financia.
- b) **Gestão:** é a instituição ou entidade que, não sendo o titular patrimonial do museu, se encarrega directamente da sua organização ou funcionamento.

² Como por exemplo os casos de Calatañazor, La Vid, El Burdo de Osma, Toro e Tordesillas em Castilla y León ou de Lamego e Vila Flor em Portugal.

c) **Tipo de Museu:** temática fundamental que caracteriza a colecção do museu.

Começamos com as duas primeiras classificações, uma vez que contêm uma definição de instituições idêntica:

- i) Administração Central do Estado (AC): incluem-se neste grupo, principalmente os museus que dependem dos Ministérios da Cultura de ambos os países e também os que pertencem a outros Ministérios do Governo e Organismos Autónomos da Administração do Estado.
- ii) Administração Regional (AR): é uma categoria específica para a parte espanhola do Corredor do Douro. Incluem-se os museus provinciais pertencentes à Administração Central, mas geridos pela Consejería de Educación y Cultura de la Junta de Castilla y León.
- iii) Administração Local (AL): consideramos neste grupo os museus criados e geridos pelos órgãos Provinciais, *Ayuntamientos* e Concelhos.
- iv) Museus Eclesiásticos (EC), devemos dizer que não obtivemos qualquer resposta dos museus deste grupo, na Região Norte de Portugal.
- v) Outras Instituições (OT), entendo por tais, Fundações, Associações e Patronatos, assim como os museus de propriedade privada.

O Quadro 5 recolhe a distribuição de museus e visitantes no Corredor do Douro, segundo o tipo de propriedade do museu. No que se refere à oferta (número de museus), predominam os museus eclesiásticos, embora ligeiramente, tendo uma representação idêntica os estatais e locais. Pelas razões antes apontadas, a administração regional tem uma representação reduzida. Maior representatividade têm os museus de outras instituições, nomeadamente os privados e os que pertencem a Fundações, os quais registam um crescimento sustentado nos últimos anos.

Quadro 5.- Distribuição de Museus e Visitantes segundo o Tipo de Propriedade.

	MUSEUS	% MUSEUS	CONDAD	VISITANTES	% VISIT	VISIT/CDAD
AC	21	25,0%	17	402.476	31,1%	23.675
AR	5	6,0%	4	148.212	11,5%	37.053
AL	21	25,0%	15	109.942	8,5%	7.329
EC	24	28,6%	18	268.820	20,8%	14.934
OT	13	15,5%	10	362.872	28,1%	36.287
TOTAL	84	100,0%	64	1.292.322	100,0%	20.193

Fonte: Elaboração Própria.

Contudo, no que se refere à distribuição de visitantes, a mesma está polarizada nos grupos da administração central e outras titularidades, que representam praticamente 60% da procura de museus. Esta importância deve-se essencialmente à

atração de museus como o Museu de Transportes e Comunicações do Porto e o Museu Arte Deco e Arte Nouveau da Casa Lis em Salamanca, no que se refere aos privados, e relativamente aos estatais, os Museus de Escultura, em Valladolid, Numantino de Sória e Monástico de Santa Clara em Tordesillas. Os museus eclesiásticos, com 21% dos visitantes totais, têm também grande importância e distribuem-se em museus de catedrais, de colégios e colecções paroquiais, de âmbito rural. Por último, os que pertencem à administração local, cujos visitantes representam apenas 9% do total, em contraste com o seu peso no volume de museus. Isto é indicativo do tipo de museus, normalmente rurais, que a maior parte das vezes não dispõem de um sistema de controlo regular de visitantes.

A distribuição de museus segundo a instituição gestora apresenta-se no Quadro 6. O facto mais assinalável é a subida da percentagem de museus geridos pela administração regional, devido à descentralização de competências sobre os Museus Provinciais por parte da administração central do estado espanhol. Os dados mostram que a frequência de visitantes aos museus é mais elevada nos museus privados e de fundações, bem como nos de gestão central e/ou regional, enquanto que é mais baixa nos eclesiásticos e sobretudo nos que pertencem à administração local. Isto tem a ver com a irregularidade de este último tipo de museus, muitos dos quais não têm estabelecido um regime de horários de visitas sistemático.

Quadro 6.- Distribuição de Museus e Visitantes segundo a Gestão.

	MUSEUS	% MUSEUS	CONDAD	VISITANTES	% VISIT	VISIT/CDAD
AC	14	16,7%	11	242.674	18,8%	22.061
AR	13	15,5%	11	308.018	23,8%	28.002
AL	18	21,4%	14	109.542	8,5%	7.824
EC	23	27,4%	17	267.217	20,7%	15.719
OT	16	19,0%	11	364.871	28,2%	33.170
TOTAL	84	100,0%	64	1.292.322	100,0%	20.193

Fonte: Elaboração Própria.

Passando à classificação dos museus do Corredor do Douro em função da temática das suas colecções, seguiram-se os critérios estabelecidos a este respeito pelo ICOM, a que acrescentamos a categoria de Museus de Arte Sacra, de grande importância em Castilla y León. A classificação é a seguinte:

- i) Museus de Belas Artes (BA): museus para a exposição de obras de belas artes (escultura, pintura) e outras artes aplicadas.
- ii) Museus de Arte Sacra (AS): colecções baseadas nas produções artísticas relacionadas com a igreja ou com a sua história.

- iii) Museus de Arqueologia e História (ARH): museus cuja finalidade é apresentar a evolução histórica de uma região, país ou província. As colecções provêm de escavações, objectos históricos e vestígios. Incluem-se, também aqui, os museus militares.
- iv) Museus Etnográficos e Antropológicos (ET): museus que expõem objectos da cultura, das estruturas sociais, das crenças, dos costumes, das artes tradicionais, etc.
- v) Museus Monográficos (MO): museus que se ocupam da exposição de todos os aspectos de um só tema ou sujeito. Incluem-se os museus de ciências naturais e os dedicados a algum personagem histórico.
- vi) Museus Genéricos ou Mistos (GE): museus que possuem colecções mistas e que não podem ser identificados por uma temática principal.

A classificação dos museus do espaço Terra e os seus visitantes, segundo o tipo de colecção, pode comprovar-se através do Quadro 7. A distribuição da oferta é relativamente equitativa entre os distintos tipos, havendo contudo uma ligeira proeminência dos museus de arte sacra e, portanto, os de belas artes, na acepção mais genérica. A importância dos museus monográficos é devida à acumulação de alguns museus militares e a outros dedicados a personagens históricos. Os museus genéricos estão ligados fundamentalmente com mosteiros e museus provinciais e locais, que acumulam colecções muito variadas, pelo que se classificam de museus mistos.

Em relação aos visitantes, 83% inclinaram-se para a visita a museus que têm uma definição exacta de belas artes e arte sacra e também dos arqueológicos e de conteúdo histórico. Pelo contrário, os museus genéricos, monográficos e etnográficos têm uma reduzida representação e uma afluência média também muito pequena, sobretudo estes últimos, o que vem novamente demonstrar o seu carácter irregular.

Quadro 7.- Distribuição de Museus e Visitantes segundo o Tipo de Museu.

	MUSEUS	% MUSEUS	CONDAD	VISITANTES	% VISIT	VISIT/CDAD
BA	11	13,1%	8	441.426	34,2%	55.178
AS	23	27,4%	18	281.845	21,8%	15.658
ARH	16	19,0%	14	340.594	26,4%	24.328
ET	8	9,5%	3	30.430	2,4%	10.143
MO	13	15,5%	10	91.551	7,1%	9.155
GE	13	15,5%	11	106.476	8,2%	9.680
TOTAL	84	100,0%	64	1.292.322	100,0%	20.193

Fonte: Elaboração Própria.

Por último, falta-nos assinalar a distribuição territorial dos museus em função das tipologias comentadas. Os dados mostram uma relativa dispersão pelo território e

fundamentalmente no âmbito rural dos museus de gestão e titularidade das administrações locais e da igreja, assim como os de arte sacra e etnográficos. Pelo contrário, as grandes capitais da região do Douro são as que concentram uma maior diversidade na tipologia das colecções, bem como em relação às titularidades, sobretudo dos museus que pertencem à administração central e/ou regional.

5. ANÁLISE DINÂMICA DA OFERTA E DA PROCURA MUSEÍSTICA DO CORREDOR DO DOURO

Neste capítulo vai-se efectuar um estudo dinâmico do mercado museístico no Corredor do Douro ao longo dos anos considerados na investigação, isto é, entre 1970 e 1997. Pensamos que este período é suficientemente amplo para mostrar as tendências fortes do mercado, sobretudo a evolução da oferta de museus, já que a análise do fluxo de visitantes deve ser feita com algumas cautelas, uma vez que o sistema de contagem não está generalizadamente implantado.

O que não oferece dúvidas é o registo dos dados da oferta, tanto no processo de criação de museus, como na evolução da oferta museística global, entendendo para tal, as ampliações dos museus que supuseram um incremento líquido do espaço expositivo e/ou das colecções artísticas. O Quadro A1, em anexo, mostra que o número de museus no Corredor do Douro duplicou no período considerado.

Este aumento produz-se, essencialmente, a partir de finais dos anos 80 (Fig.1-a), não sendo alheio a essa constatação o fenómeno da *febre museística* dos últimos quinze anos, que coincide com uma valorização crescente dos produtos culturais.

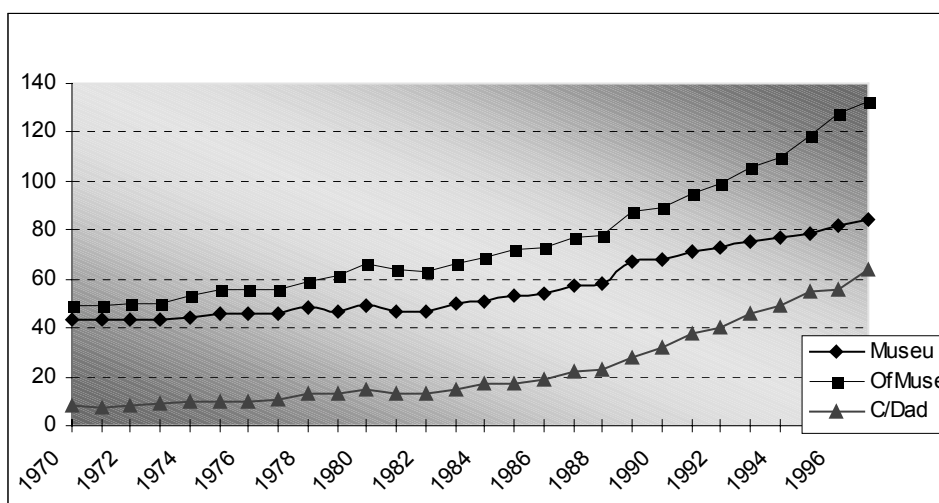


Fig.1a- Oferta de Museus no Corredor do Douro.

O enorme crescimento da oferta museística durante a década de 90 constitui uma nova prova do fenómeno anterior, embora este facto resulte lógico se pensarmos que, sendo maior o *stock* de museus, as possibilidades de ampliação aumentam também. Não obstante e dada a particularidade de muitas destas instituições actuarem com a normal morosidade dos organismos públicos, podemos admitir que o esforço de ampliação tem sido considerável e que o fenómeno da *generalização da oferta museística* continua acompanhado pela própria criação de novos museus. A constatação de este facto leva-nos a procurar as razões deste comportamento na análise da procura.

Neste campo, quer dizer, no estudo do fluxo de visitantes, encontramos-nos com as dificuldades, já referidas, de que não existiu sempre o hábito de controlo do público que ocorre aos museus e, por isso, a evolução da procura não corresponderá seguramente à realidade que a Fig.1-b mostra, o qual regista um crescimento demasiado acelerado nos anos noventa. Por esta razão, fez-se uma análise particular dos museus que, desde a sua criação, apresentam um sistema de controlo de visitantes e, desta forma, poderemos comprovar melhor as relações entre a oferta e a procura de museus.

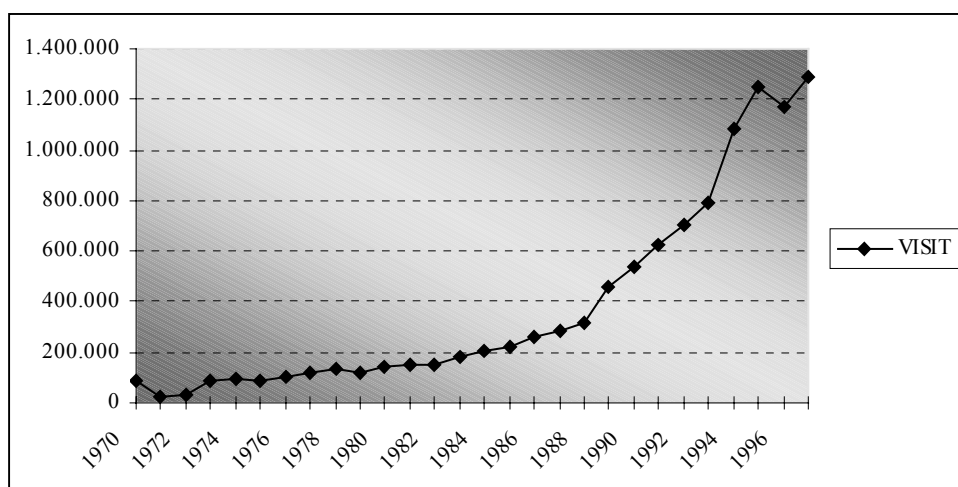


Fig.1b- Procura de Museus no Corredor do Douro.

A Fig. 2 é bastante elucidativa a este respeito, pois recolheram-se, na mesma escala, a evolução do fluxo de visitas, a criação de museus e a oferta museística global, com o objectivo de ilustrar melhor as suas evoluções.

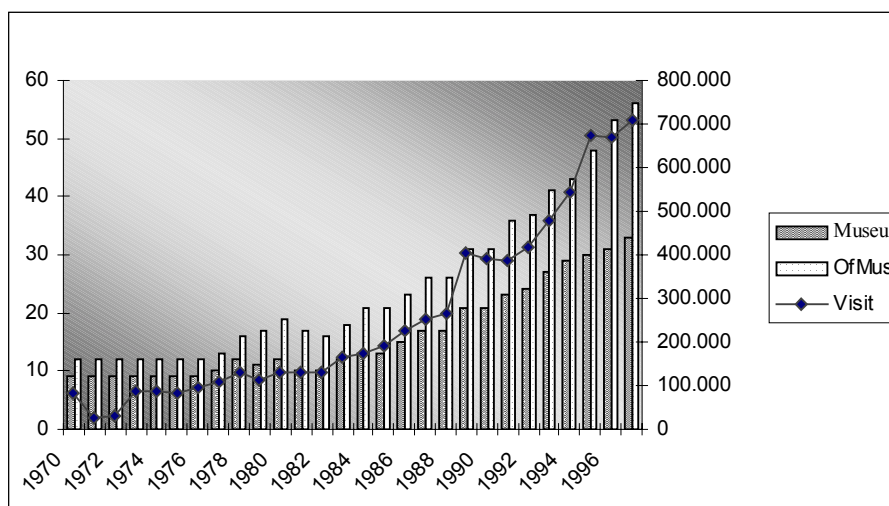


Fig.2- Oferta e Procura de Museus no Corredor do Douro (Inquéritos Seleccionados).

Desta forma podemos comprovar como o ritmo de afluência aos museus segue paralelo ao processo de criação dos mesmos, mas a partir de finais dos anos oitenta e sobretudo durante a década de noventa, o crescimento do número de visitantes faz-se mais intensamente e parece adequar-se melhor à evolução das ampliações da oferta museística, do que à criação de novos museus. Esta particularidade pode apresentar-se como um curioso exemplo de como no mercado do turismo cultural de museus do Corredor do Douro, a oferta parece criar a sua própria procura³ e constitui uma demonstração do crescente interesse dos cidadãos pelo consumo de bens relacionados com a cultura e o património histórico. Não é em vão que o número de visitantes por museu (Quadros A1 e A2, em anexo) sofreu um crescimento constante ao longo do período considerado, de forma similar à da evolução da oferta.

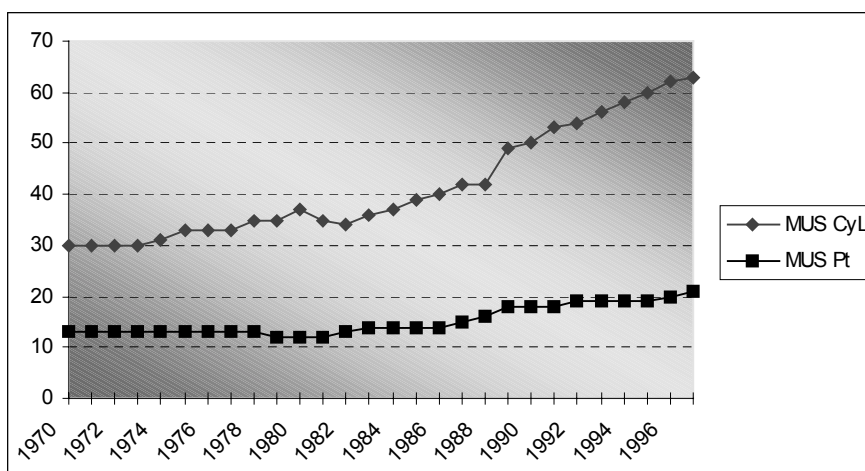


Fig.3a.- Evolução Comparada da Oferta de Museus.

³Isto é compreensível, dado que muitas ampliações têm origem na realização de exposições monográficas ou no depósito de novas colecções, que animam em última instância nova afluência do público.

Finalmente e no que se refere à evolução comparada do mercado museístico nas duas demarcações do espaço Terra, as figuras 3-a, 3-b e 3-c mostram que o crescimento do número de museus foi mais intenso no castelhano-leonesa que no Douro português.

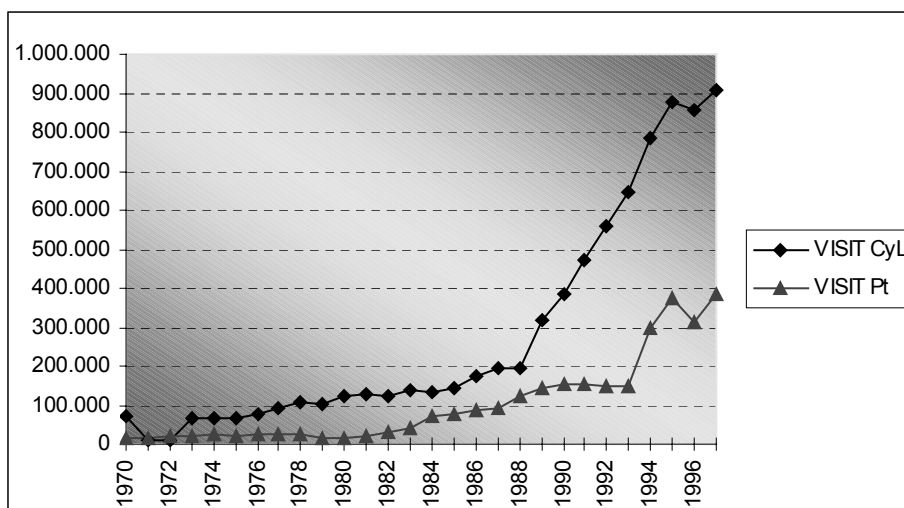


Fig.3b.- Evolução Comparada da Procura de Museus.

Contudo, se atendermos aos dados da procura média por museu, e embora no início do período existisse uma grande diferença de afluência média a favor dos museus castelhanos, as evoluções unificam-se a partir de finais da década de oitenta, o que querará dizer que o fenómeno do interesse pelos museus é crescente e simultâneo em ambos os lados da fronteira.

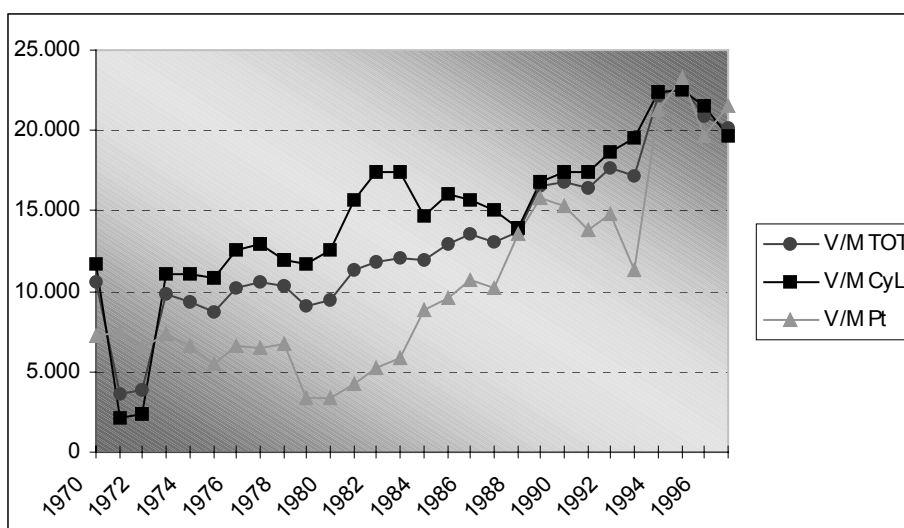


Fig.3c.- Evolução Comparada do Número médio de Visitantes por Museu, nos três Espaços Terra.

6. VALORAÇÃO DAS FUNÇÕES EXPOSITIVAS DOS MUSEUS DO CORREDOR DO DOURO

Terminamos a investigação sobre o turismo cultural nos museus do Corredor do Douro estimando o valor das suas funções expositivas através da procura dos seus visitantes. Trata-se de uma estimativa simples, com a única finalidade de conseguir uma ordenação hierárquica dos museus do espaço Terra em função do atractivo expositivo e que requer, logicamente, a explicação de determinadas premissas valorativas.

A primeira consiste em assumir que os museus, tal como enuncia a própria definição do ICOM, cumprem distintas funções para a sociedade civil e que poderíamos agrupar em quatro principais: conservação, investigação, educação e exposição do conteúdo. Todas elas têm um custo valorável, em última instância, através da contabilização de todos os gastos necessários para o desenvolvimento das mesmas, como por exemplo, os investimentos reais efectuados, as aquisições de obras, os gastos de manutenção, salários, alugueres, compras de material, etc.

Obviamente que não se trata agora de efectuar uma análise minuciosa da gestão dos museus, embora fosse interessante fazê-lo, pois em muitos casos produzem-se os denominados *problemas de relação de agência*, quer dizer, de divergência entre quem proporciona os recursos para a gestão e quem administra a sua aplicação. O nosso objectivo é apenas analisar uma das funções essenciais do museu e que maior relação tem com o público e o turismo cultural, como é a exposição do conteúdo museístico.

Assim, vamos tomar como aproximação ao custo marginal por visitante das funções meramente expositivas de um museu, o preço oficial de entrada no mesmo, entendendo que este representa o valor que estaria disposto a pagar, como mínimo, o visitante menos interessado na colecção. Logicamente, o valor total da exposição resulta da multiplicação do referido preço pelo número de visitantes totais do museu, no último ano considerado na investigação⁴. Com estas estimações construiu-se o Quadro A3 (em anexo) que recolhe a ordenação hierárquica dos museus do Corredor do Douro, segundo o valor das suas funções expositivas. Devemos acrescentar que se excluíram os museus que não faziam controlo de visitantes e os que têm um regime gratuito de visitas. Os cálculos foram feitos em pesetas reais de 1997, com o valor de *entrada estandar*, isto é, a aplicada ao visitante normal. Para além disso, o preço foi multiplicado pelo volume

⁴Este método de estimação tem só um valor teórico e de orientação, que poderia ser completado por outras metodologias mais rigorosas que tratam de representar totalmente a curva da procura de um bem público de uso recreativo, como são os métodos do custo de viagem e valoração contingente.

total de visitantes, que pagaram ou não, já que entendemos que o referido preço é assimilável à valoração marginal da exposição por parte do último visitante, qualquer que seja.

Os resultados são paradoxais, pois à cabeça da hierarquia não encontramos os museus mais tradicionais e de maior história, mas sim alguns museus criados recentemente e que têm uma gestão privada ou de algum tipo de fundação, como são o Museu de Transportes e Comunicações do Porto, o Museu Art Déco e Art Nouveau de Salamanca e o Museu de Arte Contemporânea “La Fábrica” de Abarca de Campos, em Palência. Junto a estes aparecem outros que beneficiam claramente do atractivo turístico da envolvente, como são os casos das Coleções Artísticas da Universidade de Salamanca e o Museu Militar de Bragança, no castelo. Estes resultados apontam para uma conclusão importante no que respeita ao acesso do público aos museus e portanto sobre uma das suas linhas de rentabilidade, que o volume de visitantes de um museu está associado, fundamentalmente, ao fluxo turístico global ou a uma política criativa e eficiente na captação de visitantes.

Nesta ordenação hierárquica também encontramos nos primeiros lugares alguns museus geridos pela administração central, como o Museu Nacional de Escultura e a Casa de Cervantes em Valladolid e o Real Monasterio de Santa Clara em Tordesilhas. Seguidamente aparecem alguns museus eclesiásticos, como os Catedralicios de el Burgo de Osma e de Zamora, o Museu Oriental de Valladolid e o Monasterio de la Vid, em Burgos.

Na zona intermédia da hierarquia aparecem os museus mais tradicionais, entre os quais desponta, pelo número de visitantes, o Museu Numantino e San Juan de Duero na capital soriana. Junto a eles estão alguns museus paroquiais situados em áreas rurais, como o de Becerril de Campos e Paredes de Nava em Palência. Por fim aparecem as instalações museísticas mais precárias, com um regime de horários irregular.

Relativamente ao valor das funções expositivas dos Museus do Corredor do Douro, podem deduzir-se duas questões: uma primeira que é a concentração dos valores mais altos nas capitais de província e de região mais importantes, que acumulam tanto o fluxo de visitantes como uma maior variedade de museus. A segunda é que se aprecia com certa nitidez uma sequência continuada de museus ao longo do curso do rio Douro e concelhos/comarcas contíguas, o que nos faz pensar na necessidade de fomentar e consolidar este eixo como rota turística e cultural.

7. CONCLUSÕES

Embora tivessem surgido algumas limitações no que respeita à recolha de dados, a percentagem de respostas sobre a base de dados inicial foi de 73%, no espaço Terra. A análise dos dados recolhidos pelo inquérito enviado, permite-nos tirar algumas conclusões:

- Quanto à distribuição espacial, verifica-se que ao longo do rio Douro há uma sequência continuada de museus, com uma maior concentração em algumas zonas específicas: Sória, Aranda del Duero, Valladolid, Tordesilhas, Toro, Zamora e Grande Porto. Fora do corredor ribeirinho, os museus concentram-se em Palência, Braga, Guimarães, Bragança e sobretudo Salamanca.
- Relativamente à localização no espaço, embora os Museus de Castilla y León tenham uma maior procura absoluta, a média de visitantes por museu é maior na Região Norte de Portugal que na parte espanhola. Nos municípios ribeirinhos a média é superior a qualquer um dos espaços referidos.
- O estudo da titularidade dos museus mostra-nos uma predominância dos museus eclesiásticos e dos pertencentes à Administração Central e Local. No entanto, quanto ao número de visitantes, são os da AC que lideram com 31%, havendo um grande contraste entre número de museus e número de visitantes nos pertencentes à AL, que apenas têm 9% dos visitantes totais, que terá a ver com o facto de se localizarem em áreas rurais, com funcionamento e controlo de visitantes irregular.
- Quanto ao tipo de museus, verifica-se uma oferta relativamente equitativa, com ligeira predominância dos de Arte Sacra. No entanto, atendendo ao número de visitantes, há uma preferência clara (83%) pelos museus de Belas Artes, Arte Sacra e Arqueológicos.
- Relativamente à evolução do número de museus verifica-se um crescimento acentuado a partir de finais dos anos 80, como resultado de uma febre museística nos últimos 15 anos. O ritmo de afluência aos museus acompanha o processo de criação dos mesmos até finais de 80, mas a partir desta data o crescimento do número de visitantes torna-se muito mais intenso e adequa-se melhor à evolução das ampliações da oferta museística do que à criação de novos museus.
- A ordenação da valoração das funções expositivas dos museus apresenta alguns resultados de certo modo inesperados. Nos primeiros lugares não surgem os museus tradicionais e de maior percurso histórico, mas sim alguns criados recentemente e

que têm uma gestão privada, seguindo-se alguns museus que beneficiam do atractivo turístico da envolvente. Isto pode querer significar que o acesso aos museus está associado fundamentalmente ao fluxo turístico global. Os valores mais altos das funções expositivas concentram-se nas capitais de província, em Castilla y León, e de distrito, na Região Norte de Portugal

8. BIBLIOGRAFIA

- GREG, Richards (ED); (1996); “*Cultural Tourism in Europe*”; Cab International Walingford.
- Operadores e Recursos Culturais do Ministério de Educação e Cultura de Espanha.
- Instituto Português de Museus do Ministério da Cultura de Portugal.
- Estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

9. ANEXOS

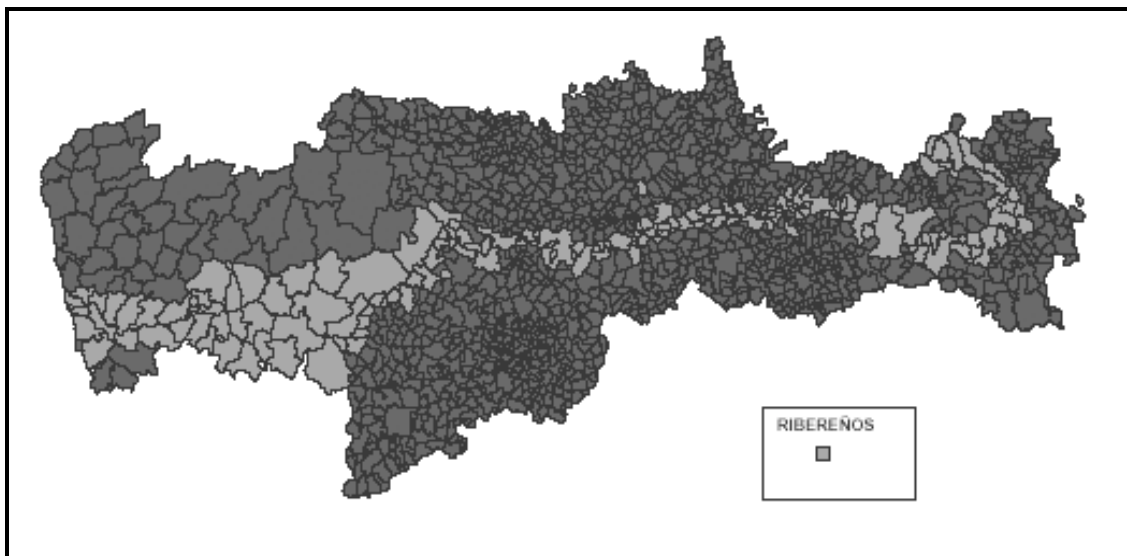


Fig. A1.- Espaço Terra e Ribeira do Douro.

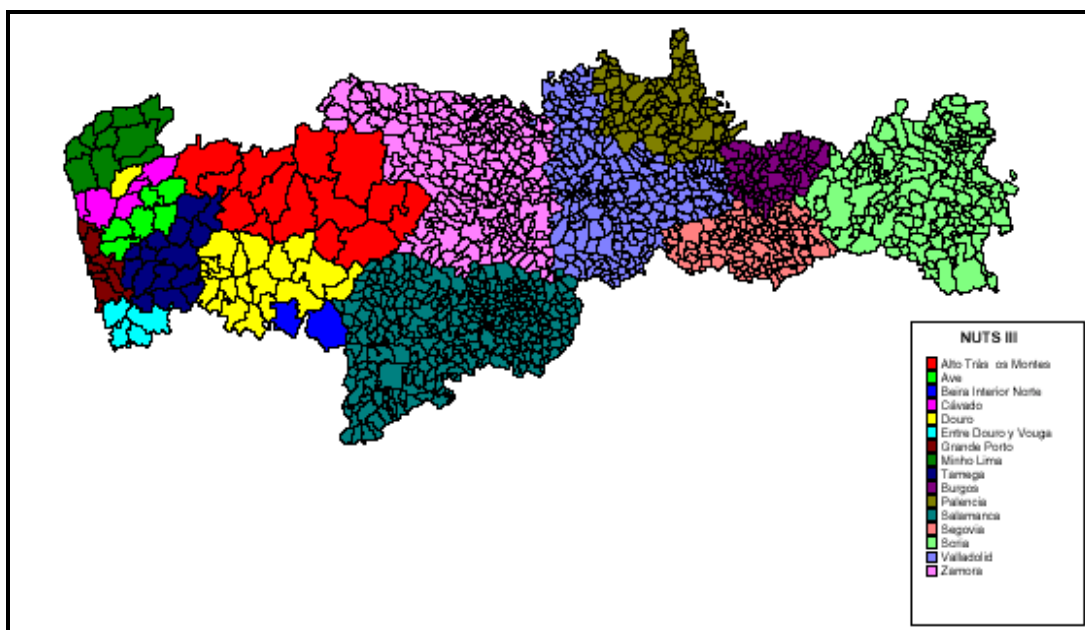


Fig. A2.- NUT's III e Províncias do Espaço Terra.

Quadro A1.- Evolução da Oferta e Procura de Museus no Corredor do Douro entre 1970 e 1997.

ANO	MUSEU	OFMUS	CONDAD	% CD/MUS	VISIT	V/M TOT
1970	43	49	8	18,6%	84.436	10.555
1971	43	49	7	16,3%	25.533	3.648
1972	43	50	8	18,6%	30.817	3.852
1973	43	50	9	20,9%	88.119	9.791
1974	44	53	10	22,7%	92.897	9.290
1975	46	56	10	21,7%	86.974	8.697
1976	46	56	10	21,7%	102.185	10.219
1977	46	56	11	23,9%	116.080	10.553
1978	48	59	13	27,1%	134.601	10.354
1979	47	61	13	27,7%	118.623	9.125
1980	49	66	15	30,6%	142.285	9.486
1981	47	64	13	27,7%	146.976	11.306
1982	47	63	13	27,7%	153.002	11.769
1983	50	66	15	30,0%	180.648	12.043
1984	51	69	17	33,3%	202.668	11.922
1985	53	72	17	32,1%	220.760	12.986
1986	54	73	19	35,2%	257.509	13.553
1987	57	77	22	38,6%	287.302	13.059
1988	58	78	23	39,7%	315.960	13.737
1989	67	88	28	41,8%	461.533	16.483
1990	68	89	32	47,1%	536.319	16.760
1991	71	95	38	53,5%	622.731	16.388
1992	73	99	40	54,8%	707.879	17.697
1993	75	106	46	61,3%	791.102	17.198
1994	77	110	49	63,6%	1.081.814	22.078
1995	79	119	55	69,6%	1.249.029	22.710
1996	82	128	56	68,3%	1.172.480	20.937
1997	84	133	64	76,2%	1.292.322	20.193

Notas: OFMUS: Museus mais Ampliações; CONDAD: Museus com controlo de visitantes.

Fonte: Elaboração Própria.

**Quadro A2.- Evolução da Oferta e Procura de Museus no Corredor do Douro entre 1970 e 1997
(Inquéritos Seleccionados).**

AÑO	MUSEU	OFMUS	CONDAD	VISIT
1970	9	12	8	84.436
1971	9	12	7	25.533
1972	9	12	8	30.817
1973	9	12	9	88.119
1974	9	12	9	88.002
1975	9	12	9	82.585
1976	9	12	9	97.511
1977	10	13	10	110.792
1978	12	16	12	128.610
1979	11	17	11	111.396
1980	12	19	12	131.561
1981	10	17	10	130.725
1982	10	16	10	131.564
1983	12	18	12	163.124
1984	13	21	13	173.213
1985	13	21	13	190.727
1986	15	23	15	224.961
1987	17	26	17	250.913
1988	17	26	17	265.810
1989	21	31	21	403.007
1990	21	31	21	392.509
1991	23	36	23	387.914
1992	24	37	24	418.474
1993	27	41	27	480.314
1994	29	43	29	544.315
1995	30	48	30	672.223
1996	31	53	31	669.006
1997	33	56	33	707.495

Notas: Idem Quadro A1.

Fonte: Elaboração Própria.

Quadro A3.- Hierarquia Ordinal de Museus Segundo o Valor das Funções.

MUSEU	MUNICIPIO/ CONCELHO	PROVINCIA/ NUT III	RIB	V. TOTAL
Museu dos Transportes e Comunicações	Porto	Porto	SIM	79.159.138
Colecciones de la Universidad de Salamanca	Salamanca	Salamanca	NÃO	33.920.400
Museo Art Noveau - Art Deco - Casa de Lis	Salamanca	Salamanca	NÃO	32.811.000
Museo Nacional de Escultura	Valladolid	Valladolid	SIM	30.592.800
Museo del Convento de S. Esteban	Salamanca	Salamanca	NÃO	12.000.000
Museu Militar de Bragança	Bragança	Bragança	NÃO	10.213.800
Real Monasterio de Santa Clara	Tordesillas	Valladolid	SIM	8.498.300
Museo Catedralicio y Diocesano	Burgo de Osma	Soria	SIM	8.250.000
Casa de Cervantes	Valladolid	Valladolid	SIM	7.488.800
Centro de Arte Contemporáneo La Fábrica	Abarca de Campos	Palencia	NÃO	7.266.000
Museo de San Juan de Duero	Soria	Soria	SIM	7.155.400
Museo Oriental	Valladolid	Valladolid	SIM	6.905.500
Museo Numantino	Soria	Soria	SIM	5.674.600
Museo del Monasterio de La Vid	La Vid	Burgos	SIM	5.138.100
Museu/Mosteiro de S. Martinho de Tibães	Braga	Braga	NÃO	4.115.778
Museu Nacional de Soares dos Reis	Porto	Porto	SIM	4.044.111
Museu Alberto Sampaio	Guimarães	Braga	NÃO	3.381.491
Museo Taurino de Salamanca	Salamanca	Salamanca	NÃO	3.357.600
Museo de Salamanca	Salamanca	Salamanca	NÃO	3.295.600
Museo Catedralicio	Zamora	Zamora	SIM	2.904.600
Museo de la Semana Santa	Zamora	Zamora	SIM	2.670.000
Centro Etnográfico Joaquín Díaz	Urueña	Valladolid	NÃO	2.651.800
Museo Iglesia de San Antolín	Tordesillas	Valladolid	SIM	2.375.000
Museo de Valladolid	Valladolid	Valladolid	SIM	2.014.800
Museu de Lamego	Lamego	Viseu	SIM	1.964.108
Museo Monográfico de Tiermes	Montejo de Tiermes	Soria	NÃO	1.829.800
Casa Museo de Unamuno	Salamanca	Salamanca	NÃO	1.770.000
Museu da Sociedade Martins Sarmento	Guimarães	Braga	NÃO	1.626.498
Museu E Camilo	Vila Nova de Famalicao	Braga	NÃO	1.465.838
Museo Parroquial de Santa Eulalia	Paredes de Nava	Palencia	NÃO	1.283.600
Museo de Santa María del Castillo	Calatañazor	Soria	NÃO	1.237.500
Museo de Santa María	Becerril de Campos	Palencia	NÃO	1.230.000
Museu Municipal de Etnografia e História	Póvoa de Varzim	Porto	NÃO	1.213.656
Museo del Monasterio de Santa Clara	Astudillo	Palencia	NÃO	1.200.000
Museo Paleontológico de Ambrona	Miño de Medinaceli	Soria	NÃO	1.063.700
Museo Tesoro Interparroquial de Santa María de Mediavilla	Medina de Rioseco	Valladolid	NÃO	1.062.300
Museu de Região Flaviense	Chaves	Vila Real	NÃO	920.190
Museo de Palencia	Palencia	Palencia	NÃO	878.400
Museu de Olaria	Barcelos	Braga	NÃO	776.566
Museo del Convento de Santa Clara	Salamanca	Salamanca	NÃO	774.400
Museo del Monasterio de S. Joaquín y Santa Ana	Valladolid	Valladolid	SIM	481.200
Museu Manuel Valdes Sobral	Valença	Viana do Castelo	NÃO	244.200
Museu Monasterio de Santa Isabel	Valladolid	Valladolid	SIM	240.000

NOTAS: Valoração em pts de 1997.

Fonte: Elaboração Própria com base no inquérito realizado aos Museus do Corredor do Douro.